

De quem é essa casa? Dialogando sobre a casa com suas moradoras

Who owns this home? Dialoguing about the home with their residents

Farah Rejenne Corrêa Mendes
Maria do Socorro Silva Oliveira
Beltrina Côrte

RESUMO: Este artigo tem como base diálogos realizados sobre a casa, com suas moradoras. Verificamos seus conflitos, seus desejos, mas, sobretudo a necessidade de manterem suas referências construídas ao longo da vida. A casa é permeada pelo sentimento de conquista, afetividade, privacidade, independência, autonomia e segurança; agrega valores econômicos, sociais, emocionais e de saúde, exercendo influência na vida dos idosos, no seu bem-estar. O artigo traz uma reflexão sobre o ambiente domiciliar e os desejos de seus moradores nas entrelinhas de suas falas. Evidencia a responsabilidade dos profissionais, bem como da família e da sociedade de proporcionar e viabilizar as correções e recursos necessários para que as futuras gerações de idosos possam viver melhor que os antecedentes em sua casa, seu domínio, seu espaço afetivo.

Palavras-chave: Ambiente domiciliar; Casa; Idoso; Velhice; Longevidade.

ABSTRACT: This article is based on conversations about the home with their residents. We checked their conflict, their desires, but rather the need to keep their references built throughout their lives. The home is permeated by a sense of achievement, affection, privacy, independence, autonomy and security, adding economic, social, emotional and health values, influencing the lives of elderly people, in their welfare. The article reflects about the home environment and the desires of its residents between the lines of their speeches. Highlight the responsibility of professionals, as well as family and society to provide and make possible the necessity of corrections and resources so the future generations of older people can live better than their ancestors in their home, their domain, their emotional space.

Keywords: *home environment; home; older adults; old age; longevity.*

A cidade, a rua, o prédio, a porta representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carências e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa, tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas de encontro de identidades em processo – identidades de homens e espaços. Esse clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios. (Sawaia, 1995: 21)

Primeiro diálogo

_ ***De quem é essa casa?*** — indagou aquela senhora, denotando uma estranheza que se refletia não só nas palavras como também no olhar, na voz, nos gestos lentos de quem conta 92 anos de idade.

_ *É sua. Olhe as suas fotos, a penteadeira, a cama...*

_ ***Não, aqui não. Essa não é minha casa. Essa casa é tua. Eu não moro aqui.***

_ *Que tal olhar o resto da casa?*

E fomos para a sala, com passos curtos, mas independentes.

_ *Essas fotos aqui na estante são suas?*

_ ***São. Mas quem botou aí?***

_ *A senhora.*

_ ***Mas essa casa não é minha. Essa casa é tua. Quem mora aqui contigo?***

_ *Quem mora aqui é a senhora e sua irmã há mais de 30 anos. Aqui é a rua...[...]*

Esse diálogo ocorreu no início de um atendimento domiciliar de terapia ocupacional. Por mais alguns minutos, com muita calma e mostrando as suas referências, mantivemos esse assunto até mudarmos o foco e continuarmos a sessão.

Analisando as falas, percebemos logo que uma das interlocutoras apresenta um quadro de déficits cognitivos. Contudo, não pretendemos discorrer sobre um diagnóstico de possível demência, mas sobre uma pessoa que, apesar e além do estranhamento em relação ao seu espaço habitacional, trouxe à tona fragmentos de sua trajetória, quando reconheceu as fotografias. Fragmentos de uma longa história de vida, semelhante à de milhares de idosos no Brasil e no mundo, recheada de sonhos, desejos, experiências e referências.

Referências que podem estar confusas, esquecidas, adormecidas, mas não totalmente apagadas. Apesar das alterações fisiológicas que interferem na capacidade funcional dos idosos de interagirem e responderem aos estímulos ambientais, elas podem aflorar em frações de segundos – um piscar de olhos – em resposta a situações e contextos que sejam propícios ao idoso.

Mas que referências seriam essas quando as correlacionamos com a moradia?

A casa constitui uma extensão de nossas emoções e sentimentos, expressa a vida de seus moradores, o aconchego e o afeto. Para Schmid (2005: 127), “a casa, incluindo tudo o que diz respeito a ela, é um poderoso sistema de referência para cada pessoa”. Referências e memórias alimentadas pelos sentidos e expressas a partir de sensações familiares: calores, sabores, texturas, sons, aromas, carregados de emoção e sentimento.

A casa também tem diversos significados e atributos que são construídos ao longo da vida e agregados de valores emocionais e afetivos que soam das experiências vivenciadas na casa, no bairro, no país, no “seu” espaço e lugar.

O espaço-casa é espaço-vida. Paredes, pisos, móveis guardam memórias de cada dia de seus habitantes com suas decisões, suas rotinas, hábitos, sentimentos. Fotografias já amareladas pelo tempo enfeitando paredes, estantes ou álbuns são marcadores de histórias e vivências do passado que brincam de esconde-esconde no presente. A velha senhora do diálogo acima não sabe quem as colocou ali, mas sabe que lhe pertencem, que são parte de sua história. Das sombras do esquecimento que lhe atinge, algo do

ambiente, as fotografias, foram como o interruptor que lhe acendeu na mente uma nesga de luz e no rosto a pureza de um sorriso. Mesmo afirmando que a casa não é sua, algo ali é seu, lhe pertence.

O ambiente, dessa forma, é lugar aonde transitam marcas de vivências e convivências, é o espaço de proteção, bem-estar, controle, domínio e aconchego.

E aconchego, segundo Rybczynski (2002), não é arrumação, pois se fosse, todas as pessoas morariam em réplicas das casas estereis e impessoais que aparecem nas revistas de arquitetura e decoração. Ou seja, o importante é o vestígio de ocupação humana. É a marca dos moradores que imprime a realidade, como os retratos da família, amigos, viagens, objetos, decoração pessoal até jornais e revistas expostas no chão da sala, que permitem a sensação de bem-estar e ambiente familiar.

E considerando-se a familiarização, as relações afetivas e os significados estabelecidos com seu ambiente de domínio e conquistas, os idosos mesmo apresentando limitações sejam elas mentais ou físicas sempre que possível devem permanecer em seu habitat.

Segundo diálogo

_O que a senhora acharia se seu filho a convidasse para morar com ele?

Pergunta feita a uma senhora de 93 anos, que sentada de frente para a janela, como o faz diariamente, admira, seu quintal florido, e que responde prontamente e sem rodeios a todas as perguntas.

_Eu acharia ótimo, contanto que ele fizesse as coisas dele e eu resolvesse as minhas. Se não deixasse nenhum pedaço para mim eu não queria saber.

_Então a senhora gostaria de mudar para a casa de seu filho?

_Não. Só mudaria para outra casa se fosse minha como aqui, se não eu não saio daqui.

_Me diga então o que significa casa para a senhora?

— Casa significa uma coisa nossa, onde a gente pode fazer tudo que quiser.

Em comparação com o 1º diálogo, temos em comum os anos vividos, que evidenciam a longevidade, ambas nonagenárias. Em contrapartida, observamos a determinação e exposição forte dos desejos e autonomia no 2º diálogo. **Mas, será que as escolhas e desejos são sempre respeitados?**

Segundo Robson (1997 apud Carli, 2004, p. 29), um dos grandes problemas dos velhos é que “frequentemente exercitam muito pouca escolha sobre seu futuro[...]. Conforme vai envelhecendo, as escolhas são feitas por outros, direta ou indiretamente.

No entanto, com o aumento de pessoas atingindo idades avançadas e, principalmente com qualidade de vida, faz-se necessário repensar a validade de certas crenças a respeito da velhice, entre as quais a que estabelece relação direta entre velhice e dependência. Desmistificar tal ideia e tantas outras carregadas de efeitos estigmatizantes, garantir cuidados, apoio, ambientes apropriados, acesso as informações e ao conhecimento dos recursos que lhes facilitem o cotidiano pode favorecer às pessoas idosas a manutenção de sua independência e autonomia. Sem ignorar que as pessoas mais velhas, ao viverem mais, estarão ou não sujeitas às situações incapacitantes, relacionadas ao próprio processo fisiológico ou, por acometimento de doenças crônicas e degenerativas, que independem do querer.

Mas afinal, onde os idosos devem ficar? Como deve ser esse ambiente?

As projeções indicam que a população idosa está em ascendência, como consequência dos anos a mais de vida. E considerando-se essa afirmação, devemos reforçar o planejamento dos lares dos idosos de hoje e dos novos idosos.

Pois, o que encontramos hoje no mercado da construção civil e imobiliário são casas e apartamentos cada vez menores, sem o cuidado de projetar e oferecer espaços para as necessidades especiais que seus usuários possam ter ou adquirir independente de serem idosos - como os cadeirantes, as gestantes, as pessoas com mobilidade reduzida temporária ou permanente. As famílias estão reduzidas, mas todos estão sujeitos às limitações e percalços da vida.

Portanto, o ambiente domiciliar deve ser prático, valorizando a simplificação e funcionalidade, respeitando os aspectos culturais e psicossociais, como a identificação do idoso com esse ambiente e a manutenção de sua privacidade (Hasselkus, 1998). Ou seja, o ambiente deve proporcionar conforto, segurança e acessibilidade, mas sem perder o foco da individualidade, já que somos seres de desejo acima de tudo.

Papaléu F. (s/d), citado por Litch e Prado (2002), destaca ainda que para muitos idosos, o espaço social acaba sendo tudo o que possuem, enfatizando-se os laços estabelecidos com os objetos, as pessoas e o ambiente para a manutenção de seu equilíbrio e de sua própria identidade.

E o que significa?

A casa agrega valores, sejam econômicos, sociais, afetivos e de saúde ao longo da vida, e conseqüentemente exerce influência na vida dos idosos.

E falar da casa e de seu significado transcende as características físicas e estruturais. Ela contempla a singularidade dos indivíduos, as condições sócio-histórica, econômica e cultural, bem como a afetividade e as emoções que se perpetuam na relação complexa entre o homem e o ambiente, considerando-se ainda a individualidade e os desejos.

A casa é o corpo que colocamos sobre o nosso próprio corpo e conforme o nosso corpo envelhece, a casa também envelhece e assim como nosso corpo adocece, nossa casa adocece. (King, 2002).

A casa segue o ciclo de vida de seu dono, ou seja, a casa é a identidade de cada ser, e deve proporcionar segurança, bem-estar, conforto, afetividades em todas as etapas da vida.

A casa é ainda tudo aquilo que “me proporciona”: o aconchego, a autonomia, a segurança, o bem estar, o bem maior de suas vidas. É o “meu lugar”, qualificativo atribuído por Sawaia (1995) apenas àqueles locais que permitem relações mais

duradouras, que são sentidos como o lugar de vida integral, ou seja, o lugar com sentimento de pertencimento.

E o desempenho de cada casa, enquanto abrigo, é restrito à soma de algumas funções-objetivos: temperatura, umidade, iluminação, nível de intensidade sonora. (Schmid, 2005). Enfim, tudo aquilo que pode ser mensurável, divergindo dos valores não mensuráveis, expressos nas falas, como a harmonia, a liberdade, o bem-estar e o conforto. Significados pessoais, histórias de vida em cada cômodo e detalhe, laços afetivos e emocionais que não cabem em uma expressão numérica.

E qual a importância de todo esse contexto?

Que essa temática evidencie a responsabilidade dos profissionais, bem como da família e da sociedade de proporcionar e viabilizar as correções e recursos necessários para que as futuras gerações de idosos possam viver melhor que os antecedentes. Para tanto, é preciso saber escutar o idoso, escutar a mensagem verbalizada e a mensagem viva das entrelinhas, dos gestos e posturas corporais, dos tons de voz, enfim, de tantas sutilezas que brotam do mais recôndito e sublime do ser idoso.

E saber escutar, conforme Calado (2004: 56), é “disponibilizar-se para ouvir, interpretar e compreender até o não dito, é a pedra de toque para conseguir diagnosticar as reais necessidades da pessoa em interlocução”.

Escutar e responder com todas as letras a pergunta inicial: **De quem é essa casa?** *Essa casa é sua!*

Referências

Calado, D.F. (2004). Velhice – Solidão ou vida com sentido? *In: Quaresma, M.L. et al. O sentido das idades da vida.* Lisboa: CESDET.

Carli, S.M.M.P. *Habitação adaptável ao idoso: um método para projetos residenciais.* 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Hasselkus, B.R. (1998). Discapacidade funcional em ancianos. *In: Hopkins HL, Smith HD. Terapia Ocupacional.* Espana: Panamericana: 742-52.

Licht, F.B. & Prado, A.R.A. (2002, dez). Idosos, cidade e moradia: acolhimento ou confinamento? *Revista Kairós* 5(2). São Paulo: 67-80.

Rose, Red. (2002). *A casa adormecida*. Direção: Stephen King. Intérpretes: Nancy Travis e outros. Warner Home Vídeo. Legendas em Inglês, Espanhol, Português, Japonês, Tailandês, Chinês, Coreano. 1DVD vídeo (250 min), colorido.

Rybczynski, W. (2002). *Casa: pequena história de uma ideia*. Rio de Janeiro: Record.

Sawaia, B.B. (1995). O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *São Paulo em perspectiva*, 9(2): São Paulo: 20-4.

Schmid, A.L. (2005). *A ideia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído*. Curitiba: Pacto Ambiental.

Recebido em 02/11/2010

Aceito em 29/11/2010

Farah Rejenne Corrêa Mendes – Mestre em Gerontologia.pela PUC-SP. Terapeuta ocupacional, especialista em Gerontologia, especialista em Terapia da Mão, especializanda em Ergonomia. Terapeuta ocupacional da clínica Cuidare realizando atendimentos em consultório e domiciliar em São Luís, Maranhão. Docente do Instituto Laboro/Estácio de Sá do curso de Saúde do Idoso, Enfermagem do Trabalho e Saúde Ocupacional. Terapeuta ocupacional do grupo de aposentados e pensionistas da Assefaz. Coordenadora e docente do curso de extensão oferecido pela Cuidare (www.cuidare.com) – A arte de cuidar e envelhecer bem, Maranhão.

E-mail: farahrejenne@yahoo.com.br.

Maria do Socorro Silva Oliveira – Terapeuta ocupacional, especialista em Gerontologia. Terapeuta ocupacional em consultório particular, realizando atendimentos individuais e em grupo com idosos em São Luís, Maranhão. Coordenadora e docente do curso de extensão oferecido pela Cuidare – A arte de cuidar e envelhecer bem, Maranhão.

E-mail: oliv.so@hotmail.com

Beltrina Côrte – Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP; docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUCSP; presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento – OLHE e editora do www.portaldoenvelhecimento.org.br.

E-mail: beltrina@uol.com.br